

TRÊS POEMAS DE EMILY BRONTË (1818-1848)

— EMILY BRONTË ¹

— JÚLIA MOTA SILVA COSTA ²

APRESENTAÇÃO

Em 1846, em Londres, era publicado um livrinho obscuro intitulado *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell*. Tratava-se da primeira publicação das irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë, que foi um fracasso comercial. Um ano mais tarde, o alvoroço provocado pelos romances Jane Eyre, *O Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Grey* centraria as atenções nas produções em prosa das autoras. Até os dias atuais, na fortuna crítica das Brontë, e particularmente no Brasil, seus poemas permaneceram à margem.

Apesar do esquecimento que se reservou a seus versos, a qualidade poética do único romance de Emily Brontë é frequentemente observada por críticos e leitores. De fato, as metáforas que permeiam a linguagem e a estrutura de *O Morro dos Ventos Uivantes*, entrelaçando-se ao desenrolar dos eventos e ao caráter das personagens, contêm importantes chaves de leitura do romance. E, a despeito da imagem persistente de *O Morro dos Ventos Uivantes* como uma obra em cuja concepção há algo de inexplicável — sendo Emily Brontë uma escritora a quem, não raro, atribui-se o estereótipo do gênio romântico —, em seus poemas observa-se a elaboração de temas recorrentes no romance, o que descortina um trabalho maduro de composição por parte da autora. Para além das relações com *O Morro dos Ventos Uivantes*, porém, a poesia de Emily Brontë interessa por si mesma. Nas palavras acertadas de Charlotte Brontë, os versos de sua irmã contêm uma expressão extraordinariamente concisa e uma música melancólica, selvagem e sublime.

Tem-se acesso, hoje, a dois manuscritos de poesia de Emily Brontë, que totalizam cerca de 200 poemas. No Brasil, a única tradução editada em livro é de Lúcio Cardoso, uma seleção de 33 poemas, que saiu pela José Olympio na década de 1940, sob o título *Vento da Noite*, integrando a Coleção Rubáiyát, com ilustrações de Santa Rosa (e que, atualmente, é editada pela Civilização Brasileira). Num esforço — conquanto tímido — de contribuir para minimizar essa triste lacuna de mais de 160 poemas nunca traduzidos para o português, apresento

[1] Emily Jane Brontë foi uma romancista e poeta inglesa. Ela nasceu em Thorton, na região de Yorkshire, Inglaterra, em 1818. Sua primeira publicação, em 1846, foi uma coletânea de poemas organizada com suas irmãs, Charlotte e Anne Brontë, intitulada *Poemas de Currer, Ellis e Acton Bell*. Em 1847, publicou seu único romance, *O Morro dos Ventos Uivantes*. Ela faleceu no ano seguinte, aos 30 anos, em Haworth, Inglaterra.

[2] Júlia Mota Silva Costa é doutoranda no Programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. É Mestra em Teoria e História Literária pela mesma universidade, tendo defendido a dissertação “Emily Brontë: paixões, natureza e moralidade” (Unicamp, 2022), e Bacharela em Estudos Literários (Unicamp, 2017).

a seguir minha tradução de três deles. O primeiro, *À imaginação*, foi selecionado pela própria autora para publicação na coletânea de 1846; os outros dois, *Vejo em torno de mim lápides cinzas* e *Não mais te inspirará a Terra*, ambos datados de 1841, constam em um dos manuscritos. Os textos originais foram consultados em *Emily Brontë: The Complete Poems* (1992), edição organizada pela estudiosa Janet Gezari e publicada pela Penguin Classics UK.

TRADUÇÃO

1. À Imaginação

Quando cansada da lida do longo dia
 E da passagem terrena de dor em dor,
 E à beira do desespero, e perdida,
 Tua voz gentil me chama outra vez:
 Ó, minha amiga fiel! Não estou só,
 Enquanto puderes falar com esse tom!

Tão sem esperança é o mundo exterior,
 Que o mundo interior eu prezo bem mais;
 Teu mundo, onde perfídia, e ódio, e dúvida,
 E fria desconfiança nunca nascem;
 Onde tu, e eu, e a Liberdade
 Temos soberania indisputada.

Que importa que, por toda parte,
 Haja perigo, e culpa, e escuridão,
 Se ao menos nos limites do nosso seio
 Temos um céu claro, imperturbado,
 Aquecido por dez mil raios entrelaçados
 De sóis que desconhecem dias inverniais?

A Razão, de fato, pode lamentar amiúde
 A triste realidade da Natureza,
 E dizer ao coração que sofre quão fúteis
 Seus sonhos queridos sempre serão;
 E a Verdade pode pisotear rudemente
 As flores da Fantasia, recém-desabrochadas:

Mas tu estás sempre lá, para trazer
 A visão flutuante de volta, e soprar
 Novas glórias sobre a primavera arruinada,
 E extrair uma Vida mais bela da Morte,
 E sussurrar, com uma voz divina,
 Mundos reais, tão luminosos quanto o teu.

Não confio em tua felicidade fantasmagórica,
 Mas, quieta, na calma hora do anoitecer,
 Com uma gratidão que nunca falha,
 Dou-te as boas-vindas, Poder Benigno,
 Consolo certo das lidas humanas,
 E esperança mais doce, quando a esperança se desespera!

2.

Vejo em torno de mim lápides cinzas
 Estendendo ao longe suas sombras.
 Por baixo da relva que meus passos repisam
 Jazem os mortos, sós e silentes —
 Por baixo da relva — por baixo do mofo —
 Para sempre sombrios, frios para sempre —
 E meus olhos não podem conter as lágrimas
 Que a memória guarda de anos esvaecidos
 Pois Tempo e Morte e Dor fatal
 Provocam feridas que não se curam mais —
 Permita-me lembrar metade do pesar
 Que tenho visto e ouvido e sentido aqui embaixo
 E o próprio céu — tão puro e abençoado —
 Nunca poderia dar repouso ao meu espírito —
 Doce terra de luz! Tuas belas crianças
 Nada conhecem semelhante ao nosso desespero —
 Nem sentiram elas, nem podem elas dizer
 Que inquilinos assombram cada cela mortal,
 Que hóspedes sombrios nós abrigamos —
 Tormentos e loucura, lágrimas e pecado!
 Bem — que elas vivam em êxtase
 A sua longa eternidade de júbilo;
 Ao menos, não as traríamos para cá
 Para chorar conosco, para gemer conosco,
 Não — a Terra não desejaria que outra esfera
 Provasse da sua taça de sofrimentos terríveis;
 Ela desvia do céu um olho indiferente,
 E apenas lamenta que *nós* devemos morrer!

Ah, mãe, o que te confortará
 Em toda esta miséria ilimitada?
 Para animar um pouco nossos olhos vorazes
 Vemos-te sorrir, quão afetuosamente sorrir!
 Mas quem não lê nesse brilho terno
 O teu profundo, inexprimível pesar?
 De fato, nenhuma terra deslumbrante acima
 Pode roubar-te do amor de teus filhos —
 Todos nós, no brilho de partida da vida,
 Nossos últimos caros anelos unimos aos teus;
 E lutamos ainda, e esforçamo-nos para divisar
 Com o olhar nebuloso a tua querida face
 Não deixaríamos nossa casa nativa
 Por *nenhum* mundo além do Túmulo
 Não — ao invés, em teu peito bondoso,
 Deixa-nos jazer em repouso duradouro,
 Ou despertar somente para compartilhar contigo
 Uma imortalidade mútua —

3.

Não mais te inspirará a Terra,
 A ti, sonhador agora solitário?
 Porque a paixão já não pode inflamar-te
 Cessará a Natureza de se subordinar?

Tua mente sempre se move
 Em regiões escuras para ti;
 Doma o seu errar inútil —
 Volta e vive comigo —

Sei que minhas brisas montanhosas
 Encantam e abrandam-te ainda —
 Sei que a luz do meu sol agrada
 A despeito de tua vontade teimosa —

Quando o dia misturando-se à noite
 Desaparece do céu de verão,
 Vejo teu espírito se curvando
 Em amorosa idolatria —

Vigiei-te a cada hora —
 Conheço minha forte autoridade —
 Conheço meu mágico poder
 De afastar os teus pesares —

Poucos corações concedidos a mortais
Na Terra sofrem com tal intensidade
E nenhum pediria um Paraíso
Mais parecido a esta Terra do que o teu —

Então deixa que meus ventos te acariciem —
Tua companheira deixa-me ser —
Se nada mais pode abençoar-te —
Retorna e vive comigo —